

Nos dias 6, 7 e 8 de Novembro teve lugar em Barcelos o Congresso Internacional “O Animador Sociocultural no Século XXI – Perfil, funções, âmbitos metodologias, modelos de formação e projetos de intervenção. Reuniu cerca de quarenta conferencista, provenientes de Portugal, Espanha, Brasil, França e Itália e contou com cerca de duzentos e vinte participantes. Tiveram lugar sete painéis, duas mesas redondas e três conferências.

Esteve presente nas sessões de abertura e encerramento a Exma. Sr^a Vereadora Dr^a Armandina Saleiro em representação do Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Barcelos.

Do elevado número de comunicações apresentadas nos painéis realizados, bem como dos debates acontecidos na maioria das sessões do congresso, emerge um conjunto significativo de conclusões, reunidas em função dos temas debatidos em cada painel.

Verificou-se ser transversal a preocupação por adequar a formação e o papel do animador à complexidade da realidade atual e às necessidades específicas dessa realidade. Em debate, foi sempre reforçada a ideia da necessidade de haver uma relação direta entre prática e teoria, em relacionar o mundo académico com o mundo do trabalho. Esteve também sempre presente a ideia de que o profissional é responsável pela sua atualização e colmatação de necessidades formativas no decorrer do seu desempenho profissional.

No decorrer deste congresso foi ainda prestada homenagem ao pedagogo Marco Marchioni, personalidade profundamente empenhada na transformação do ser humano e do mundo, que nos recordou o fato da Animação Sociocultural (ASC) resultar do trabalho com pessoas, com as quais há partilha e nem sempre podemos citar porque são anónimas e, deste modo, o futuro da animação passa pela capacidade de relacionar-se apesar das diferenças. Foi proferido o discurso de homenagem pelo Professor Doutor José António Caride Gomez (professor Catedrático da Universidade de Santiago de Compostela) o qual apontou que este é o momento de nos sentirmos agradecidos a quem nos deu tanto e sempre esteve comprometido com o que pensa.

Através da conferência inaugural, o Professor Doutor Toni Puig Picart reforçou que, o mais importante em ASC é o envolvimento e o empenho apaixonado e convicto do animador sociocultural pelo “comum”. Mais importante é trabalhar para os cidadãos e de modo que estes sejam criativos na resolução dos seus problemas, capacitando-os para seguir em frente, impulsionando-os a evoluir para e com a cidade. Temos que ser capazes de criar a mudança numa colaboração criativa dos “cidadãos plurais”, a partir das suas necessidades, fazendo-os refletir sobre o que querem para estar melhor, idealizar o seu bem-estar comum e procurar soluções criativas para o atingir, criando movimentos em que todos possam colaborar. O animador deve incorporar redes de associações e movimentos de grupos criativos e, com paciência, mas energicamente e inspirando o futuro, de forma atrativa, contactando diretamente as pessoas, priorizando a igualdade cooperante dos outros, a ecologia sustentável, a liberdade de expressão, a vizinhança de bairro sem fronteiras e o civismo, deve “escutar” para propor audazmente, “mobilizar” com entusiasmo e “inovar”. O animador deve ser capaz de fazer “coisas extraordinárias” com gente “ordinária”.

Na sua conferência o Professor Doutor José António Caride Gomez alertou para o facto de que hoje a ASC tem uma realidade própria e complexa, e há a necessidade de criarmos uma resistência perante as coisas que vivemos hoje, nomeadamente a crise social. Referiu que a ASC é um modo de se dar aos outros, animação é um ato altruísta de dar vida e não se pode alentar os outros sem nos alentarmos. É necessário ter capacidade para formar e transformar.

Painel I: A formação de Animadores em Portugal e na Europa

Relativamente à formação dos animadores socioculturais em Portugal, referiu-se que a massificação de uma oferta formativa inadequada, desqualificada e sem sustentação tem reflexos negativos na profissão dos animadores socioculturais, como a desqualificação e falta de empregabilidade.

Assim, reivindica-se: uma formação reconhecível e reconhecida, com um tronco central orientador da formação; a participação dos profissionais na construção de conteúdos programáticos; e uma necessidade de regulação dos conteúdos.

Avançou-se a sugestão de um modelo de formação consistente ao nível profissional, identitário e formativo. Alertou-se para o caráter prático e dinâmico da animação sociocultural, em que a intervenção é subsequente e se apoia num quadro conceptual, e vice-versa.

Apresentaram-se inquietações e soluções, tais como: equilibrar o número de cursos e vagas, implementar o permanente processo de interação entre o académico, a prática e os profissionais; dar abertura a outras realidades e outras experiências nomeadamente de outros países. Sugeriu-se que o animador tem que ser capaz de descentralizar e ter uma prática consciente virada para a realidade e ser exigente na formação para melhor desempenho.

Foram referidos os percursos formativos da animação em Portugal e na Europa, de que ressalvou a diversidade de perfis profissionais e a necessidade de maior reconhecimento político do estatuto profissional.

Reforçou-se a ideia de que a teoria e a prática têm que andar aliados. Se antes se chegava à ASC através da experiência prática, hoje chega-se apenas pela formação teórica. O animador sociocultural deve ser empreendedor.

Foram realçados os contributos não formais para a formação dos animadores, no sentido de que estes podem emergir e consolidar-se na relação com as comunidades, em percursos entrecruzados de cumplicidade e partilha a várias dimensões. O animador deve ser capaz de articular educação formal e educação não formal.

Relativamente ao Painel II – “Animadores socioculturais e âmbitos de intervenção”:

A música (essencialmente em contexto associativo) foi assinalada como paradigma metodológico e tecnológico de intervenção. A figura do animador musical foi caracterizada como sendo um especialista da música e o elemento fundamental da ASC. Na intervenção

musical é de igual modo privilegiada a tríada social-cultural-educativo. Neste contexto, são também postos em prática métodos educativos (ativos, participativos e em contexto) para o desenvolvimento do ser humano, que integram diversas componentes, tais como: inteligência auditiva, promoção de coordenação psicomotora e desenvolvimento de várias capacidades de expressão, de análise etc.. Em suma, a didática específica da música assenta na empatia e daí advém o seu maior potencial.

Foi referida a relevância do teatro ao nível das vivências e da linguagem dramáticas para a promoção do exercício teatral em ASC. Por outro lado, estas vivências contribuem nomeadamente para o autoconhecimento ao nível emocional, na construção do pensamento e da reflexão crítica, que no conjunto vai de encontro à formação em ASC. O teatro valoriza o processo e partilha de experiências, não descura registos culturais e permite discutir aspectos sociais, educativos e culturais na análise de textos dramáticos enfatizando-os; a sua missão visa pressupostos humanistas.

Foi apresentado o contexto e realidade do animador sociocultural no Brasil, tendo ficado essencialmente a ideia de que atualmente nem a designação nem a profissão de animador têm reconhecimento no Brasil. Há apenas algum interesse pelas temáticas da área da ASC por parte dos que trabalham áreas ligadas ao desenvolvimento comunitário. Contudo em espaços não formais de educação existe a figura do educador/monitor que se poderia aproximar da figura do animador, no entanto, a sua não definição e ausência de atribuições concretas levam à “acumulação de tarefas, ao improviso, à baixa remuneração e a impressão de que qualquer um faz”, daí surgir a necessidade de refletir sobre a formação, profissionalização e carreira neste setor.

Por fim assinalou-se que educar é um ato de esperança num contexto de mudança e de violência, deve-se educar para a responsabilização, pois falar de educar para a paz é falar de valores democráticos. Considerando que o conceito de paz tem subjacente a noção de conflito, o animador deve ser capaz de potenciar a reflexão e reforçar laços para resolver conflitos. A educação para a paz tem valores subjacentes à ASC. Enunciando-se também neste âmbito seis princípios para a paz que constituem sugestões focadas na construção de uma sociedade mais justa. Em suma, num processo de vida social com desigualdades, a educação, espaço de atuação do animador, que sendo para a paz e para os valores inspiram como um processo ativo e contínuo de cooperação e transformação do espaço comum de cidadania.

Painel III – perfil, ética e deontologia profissional dos animadores sociocultural

Refletiu-se sobre a profissionalização dos animadores numa perspetiva de análise do grupo profissional em três níveis do processo de profissionalização comum a todas as profissões: processo e condições do estabelecimento efetivo de uma profissão; fontes de mudança interior do sistema das próprias profissões; e fontes de mudança localizadas no exterior do sistema das profissões. No que concerne os processos de profissionalização verifica-se o reconhecimento da função social dos animadores socioculturais, há um movimento ascendente deste grupo na classificação das profissões derivado da elevação dos níveis de qualificação. Ainda no processo de profissionalização é dado grande relevo ao percurso coletivo na afirmação e reconhecimento do animador como profissão, dando-se especial ênfase ao associativismo profissional em diversas formas. Paradoxalmente, os atuais desafios e

constrangimentos sociais reforçam o reconhecimento e a necessidade da função dos animadores mas, o mesmo contexto de crise, preconiza um mercado de trabalho enfraquecido e precário.

Foi feita ainda uma abordagem no sentido de definir “para quê intervir”, tendo sido posta a tónica no fato de que vivemos desligados da realidade e em termos de ética vivemos uma crise de humanismo. Assim, o desafio está em usar técnicas ligadas às realidades atuais, em desenvolver uma pedagogia crítica e acima de tudo definir objetivos com base no que queremos, ou seja no sentido de que sociedade queremos. A intervenção deve ter uma dimensão política no sentido da *pólis* e democracia. Como animadores devemos intervir tomando consciência da realidade crítica da sociedade.

Neste seguimento a pedagogia deve ser capaz de constituir cidadãos participativos, somos duplamente convidados a trabalhar para uma sociedade melhor no papel de cidadãos e profissionais.

Como animadores devemos incutir a análise crítica da realidade através do encontro e do acontecimento e devemos reivindicar a complexidade da dimensão humana social e cultural do ser humano

Painel IV – animadores socioculturais: emprego/trabalho/ empreendedorismo

Foi apresentado um estudo que procurou demonstrar como se passa da formação para a realidade do trabalho. Tendo-se desde logo questionado a inadequação dos termos presentes no léxico desta índole, tais como: primeiro emprego, transição para a vida ativa, carreira e sucesso profissional. No contexto da Animação Sociocultural, a propósito dos indicadores do centro de emprego como a taxa de empregabilidade, questionou-se se ter emprego é realmente o maior indicador de sucesso, pois não concebe outros projetos e percursos de vida na análise do sucesso. A análise apresentada teve subjacente o conceito de trajetória de vida, em que se averigua o antes, o durante e o depois para estudar o sucesso das profissões. No sentido de analisar as motivações, experiências, identidade vocacional, percursos, inserção profissional e reconhecimento profissional. Constituindo um traço comum a insatisfação que advém do fato da sua profissão não ser ainda socialmente valorizada, por outro lado o reconhecimento da profissão é progressivo inclusive no local onde trabalham. Há um desejo de criar as próprias associações e empresas.

A identidade do animador deve ser reforçada ao longo do curso e da formação. A inserção no mundo do trabalho não é linear. Dadas as especificidades da ASC deve-se investir em observatórios em que seja possível escutar e analisar os percursos para entender o sucesso e colmatar lacunas na formação.

Outro estudo apresentado, demonstrou que há uma diferença entre aquilo que os animadores gostavam que fosse a ASC e a incerteza e instabilidade com que se deparam nos contextos de trabalho. Estas diferenças geram controvérsias em torno de sinais problemáticos de justiça pública.

Foram também identificadas novas tendências nas relações entre trabalho e vida social, colocando-se a questão do que é na verdade hoje uma profissão. Pois, esta redefinição de profissão tem repercussões ao nível da ASC.

Assim no léxico vão sendo substituídos os termos carreira por trajetória, trabalhador por colaborador, emprego por empregabilidade, qualificação por competência. Deste modo, defende-se que o animador deve ser um trabalhador do conhecimento competente.

Na animação da juventude centrada no desenvolvimento social e pessoal dos jovens, com base nas necessidades e nos seus interesses é reconhecido o papel do técnico juvenil, dada a dinâmica própria deste processo de animação que compreende áreas de intervenção, metodologias, objetivos e enquadramento próprios e reconhecíveis.

O sentido do desenvolvimento deveria ser a aquisição de maior desenvolvimento pessoal e cultural. Assim, a ASC tem responsabilidade na luta contra o pensamento único e tem um papel primordial na deteção de mudanças antecipando-as, os animadores devem ser pessoas inteligentes e dotados de sensibilidade dos novos tempos.

Painel V – Metodologias e projetos de intervenção do animador sociocultural e da ASC

Neste painel foram feitas três diferentes abordagens às metodologias e projetos de intervenção em ASC.

Por um lado referiu-se que o projeto de intervenção e avaliação não é fruto da improvisação, mas antes de planos e estratégias metodológicas, abertas, adaptáveis flexíveis e cuidadosamente previstas, que devem ter subjacentes objetivos claros e um amplo conhecimento da realidade.

Noutra abordagem foi dado destaque à criatividade como metodologia científica na formação e na intervenção dos animadores socioculturais. Foi assim apresentado um estudo que tinha por base o trabalhar da criatividade apoiado em algumas técnicas criativas (turbilhão de ideias, analogia inusual, metamorfose parcial do objeto e leitura recreativa). Ressalvando-se a importância destas técnicas na medida em que conferem ao animador segurança para trabalhar com os outros e no desenvolvimento da sua própria atividade.

Neste seguimento numa última abordagem, foram ilustradas formas de reinventar manifestações culturais e sociais de aspectos tradicionais, como canções tradicionais, de forma a recriar espaços onde a criatividade responde às exigências dos tempos modernos. Neste tipo de metodologia as formas tradicionais iniciais alteram-se resultando em processos inovadores e criativos sempre em constante mutação e atualização que permitem reforçar a identidade territorial e em segunda instância contribuir para o seu autodesenvolvimento.

Painel VI – A identidade do animador sociocultural face a outros trabalhadores sociais, culturais e educativos.

Foi apresentada uma reflexão no sentido de defender a existência do animador como profissão, a partir da abordagem ao conceito de profissão. Referindo-se que a identidade começa na formação académica e consubstanciando-se ao longo da vida com o saber-fazer e constrói-se de forma contínua com a relação com os outros e com a organização no exercício das práticas.

Contudo a legislação é ambígua na designação do perfil do animador e isso reflete-se na definição de fronteiras entre a ASC e outras áreas.

Por outro lado, demonstrou-se que é necessário delimitar a ação e passar ao discurso profissional, o animador tem que ser dotado de competências pessoais, profissionais e emocionais, com sensibilidade.

Noutra perspetiva, relativamente ao que é a visão de uma identidade do animador, referiu-se que a verdadeira identidade do educador vem das influências que o inspiram no seu desenvolvimento pessoal. O animador, assim sendo, nasce e inspira-se.

Painel VII – O animador sociocultural realidades e perspetivas futuras

As necessidades da realidade atual requerem competências específicas nomeadamente competências digitais. O ciberanimador promove a aprendizagem ao longo da vida. Neste contexto é necessário estabelecer um marco que defina a metodologia e o perfil do ciberanimador, como promotor permanente do empoderamento e capacitação participativa para uma cidadania ativa. Através das TIC (tecnologias de informação e comunicação) os jovens promovem conhecimento criativo, quando ensinados e orientados nesse sentido.

Ao perfil do animador está associada a diversidade, contudo é importante encontrar uma identidade semântica que vamos encontrar na ASC. Face à proliferação de oferta formativa, propõe-se um novo quadro de perfis profissionais, mantendo o que é preconizado para os cursos profissionais, os técnico-profissionais mas, ao nível da licenciatura, propõe-se uma formação especializada binária que poderia facilitar em termos de clarificação de estatutos e da sua homologação. Em termos de formação o animador deve ter uma parte ativa na própria formação deve ser um processo participativo. Procurando explorar o meio envolvente da escola para ser provido de ferramentas para atuar no futuro.

As instituições reconhecem o valor do animador, essencialmente como capacitado para diversas funções, mas por vezes não o deixa exercer as funções para as quais está capacitado. Há uma necessidade real do trabalho exercido pelo animador, mas não é reconhecido o seu real valor pela maioria das instituições o que dificulta a sua empregabilidade. Contudo nas instituições onde a sua necessidade e valor são reconhecidos não há poder financeiro para a sua contratação.

Partilhou-se uma possibilidade de visita a um museu, onde foi possível criar um espaço-tempo-relação que privilegiou a participação ativa e a criatividade individual e coletiva.

Houve ainda lugar para um momento de apresentação de experiências de animadores socioculturais que contribui para uma profícua partilha de experiências e aprendizagens ao nível das metodologias e dos meios de intervenção.

Outras atividades do Congresso:

Para além destas conferências mencionadas, no congresso, tiveram lugar duas mesas redondas que deram lugar ao debate e reflexão. Uma subordinada ao tema O Animador Sociocultural no Séc. XX e Séc. XXI e outra com o tema “As diferentes propostas de estudos de Animador Sociocultural em Portugal breves intervenções sobre as propostas de estatutos dos anos 70, 80, 90 e século XXI”.

Na conferência de encerramento proferida por Jean-Claude Gillet foi levantada a questão de que “Qual o papel mais pertinente para a animadora ou o animador profissional: o do militantismo ou o do compromisso?”. Gillet explica que no contexto atual prefere a noção de compromisso ao militantismo, pois este implica muitas vezes um comportamento heroico enquanto o compromisso liga a pessoa à causa e constitui uma expressão de si. Um dar de si.

Atividades complementares:

No âmbito deste congresso foi constituída uma comissão para a criação da Rede Lusófona de ASC e Animadores Socioculturais.

Espectáculo de Teatro,

Concerto Musical.